

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Data: 27/08/2015
Site: oglobo.globo.com

Dia: Qui
RM

O GLOBO MENU

SOCIEDADE

COMPARTILHAR BUSCAR

CLIQUE E ASSINE

SAÚDE

PUBLICIDADE

Preconceito e medo atravancam vacina contra o HPV

Estado do Rio teve baixa procura pela vacina, cerca de 43,5%, sendo que em alguns municípios a cobertura sequer chegou a 20%

POR CAROL KNOPLOCH
27/08/2015 6:00 / ATUALIZADO 27/08/2015 9:20



Em 2015 a vacina contra o HPV está sendo oferecida para as adolescentes de 9 a 11 anos e, em 2016, às meninas de 9 anos; por causa da baixa adesão, meta do Ministério da Saúde não deve ser atingida. - Agência O Globo

Preconceito, medo e desinformação são os principais motivos para a baixa procura pela vacina contra o HPV, o Papilomavírus Humano. Segundo a Secretaria de Estado de Saúde do Rio Janeiro, até a última terça-feira, o Estado imunizou somente 43,5% do público alvo, meninas de 9 a 11 anos. Alguns municípios fluminenses nem alcançaram 20%, como Cardoso Moreira (7,78%), Resende (11,07%), Santo Antônio de Pádua (12,42%), Japeri (18,27%), São Francisco de Itabapoana (16,9%) e São João da Barra (19,92%). A média nacional registrou 49,63%. O Ministério da Saúde tem como meta vacinar 80% das meninas dentro desta faixa etária.

— O HPV é uma doença sexualmente transmissível e as pessoas não se sentem vulneráveis nesta idade, acreditam que esta é uma realidade muito distante. Por isso, não procuram os postos de saúde para se vacinar. Mas é fundamental que tomem as três doses: a segunda seis meses após a primeira, e a terceira dose cinco anos depois — destaca o subsecretário de Vigilância em Saúde, Alexandre Chieppe. — Além da dificuldade para lidar com o tema com meninas bem jovens, muitas famílias tem medo de possíveis efeitos adversos por conta da campanha negativa que ganhou as redes sociais. Incluindo casos que não foram comprovados como reação à vacina.

VEJA TAMBÉM

[Mulheres com HIV são alvo de nova fase de vacinação contra HPV](#)

[Canadenses propõem diretrizes para reduzir a dor na vacinação](#)

Chieppe admite que dificilmente chegará à meta do Ministério da Saúde. Mas ressalta que a vacina entrou para o calendário nacional e que por isso está disponível nos postos de saúde o ano inteiro.

Embora não haja grandes estudos demonstrando a falta de segurança da vacina, existem relatos pelo mundo de doenças graves atribuídas a ela como a síndrome de Guillain-Barré, falência ovariana, uveíte, além de convulsões e desmaios. Isso levou o governo do Japão, por exemplo, a não mais recomendar a vacina.

O problema é que o HPV possui mais de 100 subtipos, e a vacina ainda não consegue cobrir todos eles, embora cubram os principais. Assim, não dá 100% de certeza de que as mulheres não terão câncer de colo uterino.

A vacina, no entanto, é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que atesta a sua segurança. Previne o câncer do colo do útero, o terceiro tipo mais frequente na população feminina e terceira causa de morte de mulheres por câncer no Brasil.

É utilizada como estratégia de saúde pública em outros 51 países, que já realizaram a imunização de mais de 175 milhões de doses desde 2006, sem registros de eventos que pudessem pôr em dúvida a segurança da vacina.

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Data: 27/08/2015

Dia: Qui

Seção: Sociedade, Saúde

Site: oglobo.globo.com

RM

— A probabilidade de uma menina ter alguma reação de importância é a mesma de cair um meteoro na cabeça. É quase nula. Infelizmente a propaganda negativa tomou proporções inimagináveis e por isso temos esta baixa procura — analisa Neila Góis Speck, professora do Departamento de Ginecologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenadora do Núcleo de Prevenção em Doenças Ginecológicas da Unifesp.

Ela afirma que vários casos graves noticiados no exterior foram desmentidos. E explica que no Brasil ocorreu o mesmo.

PUBLICIDADE

Lembra que as 11 meninas que apresentaram dores de cabeça e paralisia nas pernas, em Bertioga, litoral de São Paulo, em setembro, estão bem (três delas chegaram a ser internadas) e que, provavelmente, tiveram crises de ansiedade e angústia.

Neila diz que está acostumada a tratar mulheres com HPV e que os procedimentos podem ser dolorosos, como o uso de laser e de ácido, por exemplo. E que a vacina também pode evitar este sofrimento.

— Reações podem acontecer e estão relacionadas à quantidade do adjuvante (agente que intensifica o sistema imunológico, aumentando a produção de anticorpos ou estimulando os linfócitos). Por isso, podem ser mais frequentes com a vacina para hepatite B, por exemplo, do que para HPV — comenta Neila, que lamenta a falta de informação generalizada sobre o tema. — Muitas das reações tem ligação com a ansiedade, o medo natural quando se toma uma vacina. E, no caso de adolescentes, a insegurança aflora, eles são mais voláteis. Quando uma vê a outra passando mal fica condicionada. O caso de Bertioga foi um “piripaque coletivo”, pois a vacinação, em sua primeira etapa (para meninas de 11 a 13 anos) foi dada nas escolas, em várias meninas ao mesmo tempo.

MÉDIA MUNDIAL É MAIS BAIXA

Isabella Ballalai, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), afirma que a média de adesão desta vacina no mundo é de 44%. Diz que a Austrália, que disponibiliza esta vacina desde 2007, é de cerca de 80%.

— Além do medo e do preconceito com o tema, tem a questão de que é natural a baixa adesão no caso dos adolescentes. Eles não vão ao posto de saúde e os pais não costumam levar como fazem com os bebês, que são indefesos, não podem ir sozinhos e quando nascem, a família vive em função deles. É cultural — avalia Isabella, que esclarece que esses casos, como o de Bertioga, no Brasil, não tem relação com diferença de lotes. — Por aqui, não deve ter mais do que dois lotes. Não existe diferença.

Ela comenta ainda que as notificações de reações adversas foram apenas alergias. E que não há casos graves relatados. Comenta ainda que o mal estar, as crises de ansiedade, desmaios e etc., não “foram invenções” mas que podem ocorrer com qualquer vacina.

— Imagine que na Colômbia, onde 180 meninas tiveram crises assim. E numa mesma escola! Uma influencia a outra e não ocorreu nada de grave. Quando se vacina em massa, sobretudo em adolescente, é assim mesmo — pondera Isabella, que esclarece que esses casos, como o de Bertioga, no Brasil, não tem relação com diferença de lotes. — Por aqui, não deve ter mais do que dois lotes. Não existe diferença.

Em março de 2014, a vacina contra o HPV foi disponibilizada gratuitamente nos postos de saúde. No mesmo ano, foram vacinadas 5 milhões de meninas de 11 a 13 anos. Em 2015, passaram a ser vacinadas meninas de 9 a 11 anos.

PUBLICIDADE

A Superintendência de Vigilância Epidemiológica e Ambiental informou que até o dia 25 de agosto, foram vacinadas 59.740 meninas de 9 anos (50,45%); 59.520 meninas de 10 anos (48,1%); e 43.114 meninas de 11 anos (33,23%)

A escolha da faixa etária foi definida com base em estudos que mostram que a vacina tem maior eficácia se for administrada em adolescentes que ainda não foram expostas ao vírus, pois, nessa idade, há maior produção de anticorpos contra o HPV que estão incluídos na vacina.

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Data: 27/08/2015
Site: oglobo.globo.com

Dia: Qui
RM

The image shows the navigation menu of the O Globo website. At the top, there is the 'O GLOBO' logo and social media icons for Facebook, Twitter, and Google+. To the right, there are links for 'TÓPICOS', 'RIO GASTRONOMIA', 'ROCK IN RIO', 'LAVÁ-JATO', '90 ANOS O GLOBO', and 'OBITUÁRIO'. Further right, there is a 'VERSÃO MOBILE' link with a mobile phone icon and a 'CLIQUE E ASSINE' button. Below this, the menu is organized into several categories: 'RIO' (with sub-items like ANCELMO.COM, GENTE BOA, etc.), 'ECONOMIA' (with sub-items like MIRIAM LEITÃO, CARROS, etc.), 'CULTURA' (with sub-items like PATRÍCIA KOGUT, TEATRO E DANÇA, etc.), 'ESPORTES' (with sub-items like BOTAFOGO, FLAMENGO, etc.), 'MAIS +' (with sub-items like OPINIÃO, BLOGS, etc.), 'BRASIL' (with sub-items like ELIO GASPARI, ILMAR FRANCO, etc.), 'SOCIEDADE' (with sub-items like CONTE ALGO QUE NÃO SEI, EDUCAÇÃO, etc.), 'ELA' (with sub-items like MODA, BELEZA, etc.), and 'TV' (with sub-item PATRÍCIA KOGUT). At the bottom right of the menu, there is a 'gda' logo and a copyright notice: '© 1996 - 2015. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.' At the very bottom of the page, there is a long list of links including 'PORTAL DO ASSINANTE', 'CLUBE SOU RIO', 'FAÇA SUA ASSINATURA', 'AGÊNCIA O GLOBO', 'O GLOBO SHOPPING', 'FALE CONOSCO', 'DEFESA DO CONSUMIDOR', 'EXPEDIENTE', 'ANUNCIE CONOSCO', 'TRABALHE CONOSCO', 'POLÍTICA DE PRIVACIDADE', and 'TERMINOS DE USO'.

<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/preconceito-medo-atrancam-vacina-contr-hpv-17311286#ixzz3k6loQHB8>

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Data: 27/08/2015
Seção: Sociedade, Saúde
Site: oglobo.globo.com

Dia: Qui
RM

Preconceito e medo atravancam vacina contra o HPV

Estado do Rio teve baixa procura pela vacina, cerca de 43,5%, sendo que em alguns municípios a cobertura sequer chegou a 20%

Preconceito, medo e desinformação são os principais motivos para a baixa procura pela vacina contra o HPV, o Papilomavírus Humano. Segundo a Secretaria de Estado de Saúde do Rio Janeiro, até a última terça-feira, o Estado imunizou somente 43,5% do público alvo, meninas de 9 a 11 anos. Alguns municípios fluminenses nem alcançaram 20%, como Cardoso Moreira (7,78%), Resende (11,07%), Santo Antônio de Pádua (12,42%), Japeri (18,27%), São Francisco de Itabapoana (16,9%) e São João da Barra (19,92%). A média nacional registrou 49,63%. O Ministério da Saúde tem como meta vacinar 80% das meninas dentro desta faixa etária.

— O HPV é uma doença sexualmente transmissível e as pessoas não se sentem vulneráveis nesta idade, acreditam que esta é uma realidade muito distante. Por isso, não procuram os postos de saúde para se vacinar. Mas é fundamental que tomem as três doses: a segunda seis meses após a primeira, e a terceira dose cinco anos depois – destaca o subsecretário de Vigilância em Saúde, Alexandre Chieppe. — Além da dificuldade para lidar com o tema com meninas bem jovens, muitas famílias tem medo de possíveis efeitos adversos por conta da campanha negativa que ganhou as redes sociais. Incluindo casos que não foram comprovados como reação à vacina.

Chieppe admite que dificilmente chegará à meta do Ministério da Saúde. Mas ressalta que a vacina entrou para o calendário nacional e que por isso está disponível nos postos de saúde o ano inteiro.

Embora não haja grandes estudos demonstrando a falta de segurança da vacina, existem relatos pelo mundo de doenças graves atribuídas a ela como a síndrome de Guillain-Barré, falência ovariana, uveíte, além de convulsões e desmaios. Isso levou o governo do Japão, por exemplo, a não mais recomendar a vacina.

O problema é que o HPV possui mais de 100 subtipos, e a vacina ainda não consegue cobrir todos eles, embora cubram os principais. Assim, não dá 100% de certeza de que as mulheres não terão câncer de colo uterino.

A vacina, no entanto, é recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que atesta a sua segurança. Previne o câncer do colo do útero, o terceiro tipo mais frequente na população feminina e terceira causa de morte de mulheres por câncer no Brasil.

É utilizada como estratégia de saúde pública em outros 51 países, que já realizaram a imunização de mais de 175 milhões de doses desde 2006, sem registros de eventos que pudessem pôr em dúvida a segurança da vacina.

— A probabilidade de uma menina ter alguma reação de importância é a mesma de cair um meteoro na cabeça. É quase nula. Infelizmente a propaganda negativa tomou proporções inimagináveis e por isso temos esta baixa procura — analisa Neila Góis Speck, professora do Departamento de Ginecologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenadora do Núcleo de Prevenção em Doenças Ginecológicas da Unifesp.

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Seção: Sociedade, Saúde

Data: 27/08/2015
Site: oglobo.globo.com

Dia: Qui
RM

Ela afirma que vários casos graves noticiados no exterior foram desmentidos. E explica que no Brasil ocorreu o mesmo.

Lembra que as 11 meninas que apresentaram dores de cabeça e paralisia nas pernas, em Bertioga, litoral de São Paulo, em setembro, estão bem (três delas chegaram a ser internadas) e que, provavelmente, tiveram crises de ansiedade e angústia.

Neila diz que está acostumada a tratar mulheres com HPV e que os procedimentos podem ser dolorosos, como o uso de laser e de ácido, por exemplo. E que a vacina também pode evitar este sofrimento.

— Reações podem acontecer e estão relacionadas à quantidade do adjuvante (agente que intensifica o sistema imunológico, aumentando a produção de anticorpos ou estimulando os linfócitos). Por isso, podem ser mais frequentes com a vacina para hepatite B, por exemplo, do que para HPV — comenta Nelia, que lamenta a falta de informação generalizada sobre o tema. — Muitas das reações tem ligação com a ansiedade, o medo natural quando se toma uma vacina. E, no caso de adolescentes, a insegurança aflora, eles são mais voláteis. Quando uma vê a outra passando mal fica condicionada. O caso de Bertioga foi um “piripaque coletivo”, pois a vacinação, em sua primeira etapa (para meninas de 11 a 13 anos) foi dada nas escolas, em várias meninas ao mesmo tempo.

MÉDIA MUNDIAL É MAIS BAIXA

Isabella Ballalai, presidente da **Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm)**, afirma que a média de adesão desta vacina no mundo é de 44%. Diz que a Austrália, que disponibiliza esta vacina desde 2007, é de cerca de 80%.

— Além do medo e do preconceito com o tema, tem a questão de que é natural a baixa adesão no caso dos adolescentes. Eles não vão ao posto de saúde e os pais não costumam levar como fazem com os bebês, que são indefesos, não podem ir sozinhos e quando nascem, a família vive em função deles. É cultural — avalia **Isabella**, que afirma que até um ano de idade, as vacinas tem 95% de aceitação. — Após os cinco anos, a tendência é bem menor.

Ela comenta ainda que as notificações de reações adversas foram apenas alergias. E que não há casos graves relatados. Comenta ainda que o mal estar, as crises de ansiedade, desmaios e etc., não “foram invenções” mas que podem ocorrer com qualquer vacina.

— Imagine que na Colômbia, onde 180 meninas tiveram crises assim. E numa mesma escola! Uma influencia a outra e não ocorreu nada de grave. Quando se vacina em massa, sobretudo em adolescente, é assim mesmo — pondera **Isabella**, que esclarece que esses casos, como o de Bertioga, no Brasil, não tem relação com diferença de lotes. — Por aqui, não deve ter mais do que dois lotes. Não existe diferença.

Em março de 2014, a vacina contra o HPV foi disponibilizada gratuitamente nos postos de saúde. No mesmo ano, foram vacinadas 5 milhões de meninas de 11 a 13 anos. Em 2015, passaram a ser vacinadas meninas de 9 a 11 anos.

Cliente: SBIm
Assunto: Vacinação - HPV
Veículo: O Globo (RJ)

Data: 27/08/2015
Seção: Sociedade, Saúde
Site: oglobo.globo.com

Dia: Qui
RM

A Superintendência de Vigilância Epidemiológica e Ambiental informou que até o dia 25 de agosto, foram vacinadas 59.740 meninas de 9 anos (50,45%); 59.520 meninas de 10 anos (48,1%); e 43.114 meninas de 11 anos (33,23%)

A escolha da faixa etária foi definida com base em estudos que mostram que a vacina tem maior eficácia se for administrada em adolescentes que ainda não foram expostas ao vírus, pois, nessa idade, há maior produção de anticorpos contra o HPV que estão incluídos na vacina.